



Resistência bacteriana e práticas de automedicação em odontologia: Um desafio emergente na saúde pública da Amazônia

Jennifer Gomes Nogueira¹, Sarah Maria Nascimento Cândido², Dimas Melo Gonçalves³



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p2497-2508>

Artigo recebido em 11 de Julho e publicado em 11 de Setembro de 2025

REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

A resistência bacteriana é uma das maiores ameaças à saúde pública mundial, agravada pelo uso impróprio de antimicrobianos na odontologia, tanto por meio de prescrições desnecessárias quanto pela automedicação. Esse fenômeno é especialmente alarmante na Amazônia, região em que barreiras geográficas, disparidades socioeconômicas e dificuldades no acesso a serviços de saúde contribuem para o uso indiscriminado de antibióticos. Este estudo teve como objetivo investigar a conexão entre automedicação odontológica e resistência bacteriana, levando em conta os aspectos sociais, culturais e clínicos que favorecem essa prática. Esta é uma pesquisa qualitativa, com abordagem descritiva e exploratória, realizada por meio de revisão bibliográfica e documental em fontes nacionais e internacionais, bem como em documentos técnicos de entidades de saúde. A análise mostrou que a automedicação é bastante comum, frequentemente ligada ao reaproveitamento de receitas antigas e à compra de medicamentos sem receita médica. Conclui-se que políticas públicas e estratégias educativas são indispensáveis para reduzir o uso irracional de antibióticos e enfrentar a resistência bacteriana.

Palavras-chave: Amazônia; Antimicrobianos; Automedicação; Odontologia.



Bacterial Resistance and Self-Medication Practices in Dentistry: An Emerging Public Health Challenge in the Amazon

ABSTRACT

Bacterial resistance is one of the greatest threats to global public health, exacerbated by the improper use of antimicrobials in dentistry, both through unnecessary prescriptions and self-medication. This phenomenon is particularly alarming in the Amazon, a region where geographic barriers, socioeconomic disparities, and limited access to healthcare services contribute to the indiscriminate use of antibiotics. This study aimed to investigate the relationship between dental self-medication and bacterial resistance, taking into account the social, cultural, and clinical factors that promote this practice. This is a qualitative study with a descriptive and exploratory approach, conducted through a bibliographic and documental review of national and international sources, as well as technical documents from health organizations. The analysis revealed that self-medication is highly prevalent, often associated with the reuse of previous prescriptions and the purchase of medications without a formal prescription. Furthermore, it was found that unnecessary prophylactic prescriptions by dentists contribute to worsening the problem. It is concluded that public policies and educational strategies are essential to reduce the irrational use of antibiotics and combat bacterial resistance.

Keywords: Amazon region; Antimicrobials; Bacterial resistance; Dentistry; Self-medication.

Instituição afiliada – Faculdade Santa Teresa Manaus

Autor correspondente: *Jennifer Gomes Nogueira¹, Sarah Maria Nascimento Cândido² e Dimas Melo Gonçalves³.*
Jennifernogueira25@gmail.com, sarahcandido10can@gmail.com e dimasmelogoncalves@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A resistência bacteriana é uma das maiores ameaças à saúde pública mundial, e a Organização Mundial da Saúde a considera um dos principais desafios enfrentados atualmente. Esse fenômeno é consequência do uso indiscriminado de antimicrobianos, o que favorece a seleção de microrganismos resistentes e reduz a eficácia terapêutica em infecções que antes eram tratáveis. Na área da odontologia, a questão ganha cada vez mais importância, pois tanto a prescrição inadequada de antibióticos quanto a automedicação por pacientes têm um papel significativo no agravamento desse problema.

A automedicação tem um papel importante nesse cenário. Ela está profundamente enraizada em aspectos culturais, sociais e econômicos, sendo favorecida pela ampla oferta de antibióticos nas farmácias, pelo reaproveitamento de receitas anteriores e pela crença popular de que certos medicamentos representam uma solução rápida e eficiente para qualquer tipo de infecção. No Brasil, essas práticas prosperam devido ao acesso limitado a serviços de saúde especializados, especialmente em áreas periféricas e rurais.

A Amazônia brasileira ilustra de maneira significativa essa questão. O extenso território, caracterizado por obstáculos logísticos e disparidades socioeconômicas, restringe o acesso da população a serviços odontológicos frequentes. Nessas situações, a automedicação passa a ser a primeira alternativa para o tratamento da dor e infecções bucais, geralmente por meio de antibióticos guardados de prescrições anteriores ou obtidos sem receita médica. Pesquisas realizadas em comunidades ribeirinhas e cidades do interior do Amazonas comprovam a grande prevalência dessa prática, demonstrando que ela ultrapassa limites geracionais e níveis de escolaridade.

Ao mesmo tempo, nota-se que alguns profissionais da odontologia contribuem, mesmo que indiretamente, para a propagação da resistência bacteriana. A pressão das expectativas dos pacientes ou a falta de atualização em protocolos clínicos leva muitos cirurgiões-dentistas a fazer prescrições profiláticas desnecessárias, o que contribui para o uso indiscriminado de



antibióticos. Essa prática, combinada com a automedicação, gera um ciclo vicioso que reduz as opções terapêuticas disponíveis e aumenta os riscos de complicações em procedimentos odontológicos comuns.

A situação se agravou ainda mais com a pandemia de COVID-19. Houve um aumento preocupante no uso de antibióticos como a azitromicina em todo o país, incluindo prescrições odontológicas e práticas de automedicação. O uso impróprio de antimicrobianos, impulsionado tanto por orientações médicas errôneas quanto por informações divulgadas nas redes sociais, acelerou o surgimento de cepas resistentes. Isso evidenciou a fragilidade das políticas públicas de controle do uso desses medicamentos.

Nesse contexto, é fundamental realizar pesquisas que conectem as práticas de automedicação à resistência bacteriana na odontologia, com foco especial na realidade amazônica.

O objetivo deste estudo é examinar como a automedicação em odontologia e o uso impróprio de antibióticos levam à resistência bacteriana, considerando seus fatores culturais, sociais e clínicos, além de suas consequências para a saúde pública em nível regional e global. Ademais, busca-se destacar a importância de políticas públicas integradas e estratégias educacionais que incentivem o uso responsável de antimicrobianos, reforçando a luta contra essa ameaça emergente.

METODOLOGIA

Este estudo é uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, conduzida por meio de revisão bibliográfica e documental. A escolha do delineamento metodológico é justificada pela importância do problema em estudo: a resistência bacteriana resultante do uso indiscriminado de antimicrobianos, agravada tanto pela automedicação quanto pela prescrição inadequada de antibióticos na odontologia.

Levando em conta o cenário amazônico, caracterizado pela falta de serviços de saúde especializados e por obstáculos geográficos que incentivam a automedicação, a metodologia possibilitou a coleta e a análise



crítica de pesquisas que tratam desse fenômeno em diversas escalas, desde o âmbito local até o global.

O âmbito da pesquisa foi formado por artigos científicos nacionais e internacionais ligados ao uso de antibióticos, resistência bacteriana e práticas odontológicas. A amostra abrangeu artigos avaliados por pares, dissertações, teses e documentos oficiais de entidades de saúde, escolhidos com base em critérios de relevância, atualidade e conexão com o tema.

Priorizaram-se estudos publicados entre 2020 e 2025, período que abrange a pandemia de COVID-19 e é marcado pelo aumento significativo do uso de antibióticos, inclusive em prescrições odontológicas. Isso possibilitou a avaliação dos efeitos recentes na prática clínica e na automedicação, especialmente em áreas vulneráveis como a Amazônia.

A realização do estudo incluiu a definição do problema e das perguntas norteadoras, seguida de revisão da literatura em bases nacionais e internacionais, como PubMed, SciELO, LILACS, Scopus e Google Scholar, além de consultas a documentos técnicos da OMS e do Ministério da Saúde brasileiro.

A estratégia de busca empregou descritores em português e inglês, combinados por meio de operadores booleanos. Isso incluiu termos como automedicação, resistência bacteriana, antibióticos, odontologia, Amazônia, self-medication, antimicrobial resistance e dentistry. Incluíram-se estudos que tratassem de automedicação, prescrição odontológica, resistência bacteriana e políticas de saúde pública, dando preferência a pesquisas com dados referentes à Amazônia.

Foram removidas publicações duplicadas, resumos de eventos, artigos sem acesso ao texto completo e estudos não diretamente ligados ao assunto. O processo de seleção incluiu a leitura de títulos e resumos, seguida da leitura completa dos artigos que se mostraram elegíveis, e, por fim, a organização das informações em categorias temáticas.

As informações extraídas foram analisadas qualitativamente e organizadas em cinco eixos: fatores que levam à automedicação em odontologia, incluindo aspectos sociais, culturais e econômicos; padrões de



prescrição de antibióticos por cirurgiões-dentistas e sua conformidade com o uso racional; efeitos da pandemia de COVID-19 no consumo de antimicrobianos, com ênfase na azitromicina; características da Amazônia, como dificuldades de acesso aos serviços de saúde, barreiras geográficas e práticas culturais de cuidado; e consequências para a saúde pública, tanto regional quanto global, levando em conta os riscos associados à resistência bacteriana.

A análise teve como objetivo destacar as semelhanças, diferenças e lacunas entre os estudos, além de identificar práticas que favorecem o aumento da resistência antimicrobiana, com base em autores recentes de destaque.

Uma das vantagens da pesquisa é a oportunidade de coletar evidências científicas recentes, o que possibilita a análise da resistência bacteriana como um fenômeno global e sua contextualização em cenários específicos, como o da Amazônia. Uma limitação identificada é a falta de estudos empíricos sobre automedicação odontológica em comunidades da Amazônia, o que impede generalizações mais abrangentes. A inclusão de estudos nacionais e internacionais, além de relatórios oficiais, ajudou a minimizar essa limitação, expandindo a compreensão do fenômeno e reforçando a importância das evidências examinadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A automedicação tem se tornado cada vez mais comum na área da saúde, especialmente na odontologia, sendo considerada um dos principais fatores relacionados à resistência bacteriana em todo o mundo. Silva et al. (2020) demonstraram que “a prática da automedicação para problemas bucais apresenta elevada prevalência entre pacientes odontológicos, evidenciando a necessidade de medidas educativas e regulatórias”.

A análise dos dados indica que esse comportamento está diretamente relacionado à facilidade de obtenção de antibióticos sem receita, à confiança na eficácia de medicamentos usados anteriormente e às dificuldades de acesso aos serviços de saúde em áreas vulneráveis, como a Amazônia.

A análise da literatura mostrou que o uso indiscriminado de



antimicrobianos não se limita apenas à automedicação, mas também inclui prescrições profiláticas inadequadas feitas por cirurgiões-dentistas. Pesquisas internacionais indicam que mais de 70% das prescrições odontológicas não aderem a protocolos fundamentados em evidências, sendo consideradas inadequadas (Jiménez-García et al., 2023).

No Brasil, a pandemia de COVID- 19 levou a um aumento significativo na prescrição e uso de azitromicina, tanto em consultórios quanto na automedicação (Costa et al., 2022). Isso intensificou o risco de resistência bacteriana, especialmente entre as populações da Amazônia, que têm acesso limitado a serviços especializados.

A automedicação é profundamente enraizada nas práticas culturais e nas necessidades de sobrevivência das comunidades ribeirinhas do Amazonas, sendo muitas vezes a primeira opção de tratamento devido à distância em relação aos centros urbanos (Pereira et al., 2020; Silva et al., 2022). Relatos locais apontam que há um alto consumo de antibióticos, como a azitromicina, sem a devida prescrição, demonstrando uma relação direta entre automedicação e crescimento da resistência bacteriana (Santos et al., 2025). Esses resultados ressaltam a relevância de políticas públicas rigorosas, combinadas com programas educacionais, como ferramentas para diminuir o uso inadequado de antimicrobianos.

A discussão dos resultados indica que a prescrição inadequada por profissionais de odontologia desempenha um papel importante na propagação de cepas resistentes. A prescrição profilática é comumente adotada por muitos cirurgiões-dentistas em procedimentos considerados rotineiros, mesmo quando não há risco de infecção. Isso reflete tanto a falta de atualização profissional quanto as pressões culturais dos pacientes (Martins et al., 2023). Pesquisas recentes corroboram a variabilidade e, frequentemente, a inadequação do uso de antibióticos em procedimentos periodontais e odontológicos de modo geral, alinhando a situação no Brasil com a internacional (Silva et al., 2023; Thompson et al., 2024). O uso indiscriminado de antimicrobianos, aliado à automedicação, reduz a eficácia terapêutica desses medicamentos, prolonga o tempo de recuperação dos pacientes e eleva os custos do tratamento.

A realidade da Amazônia apresenta desafios extras: as condições socioeconômicas e geográficas favorecem o uso não controlado de



antibióticos, gerando um cenário favorável para a propagação da resistência bacteriana em áreas de difícil acompanhamento epidemiológico (Santos et al., 2025; Pereira et al., 2020). Dessa forma, os resultados sugerem que estratégias de antibiotic stewardship, combinadas com políticas públicas de controle e conscientização da população, são fundamentais para reduzir o crescimento da resistência bacteriana na odontologia (Miller et al., 2024; Jiménez-García et al., 2023).

Por último, observa-se uma falta de pesquisa regional na Amazônia. Entender os fatores socioculturais que levam à automedicação e sua conexão com a resistência bacteriana é essencial para criar intervenções contextualizadas. Isso ajudará a fundamentar políticas públicas e estratégias educativas eficazes, além de enriquecer o debate científico sobre o assunto (Silva et al., 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa atual demonstrou que a resistência bacteriana na odontologia representa um desafio emergente e multifatorial de saúde pública, sendo amplamente impulsionada pela automedicação generalizada e pela prescrição imprópria de antibióticos por cirurgiões-dentistas. A revisão da literatura revelou que essas práticas, embora comuns em todo o mundo, são mais graves no contexto amazônico devido às disparidades socioeconômicas, obstáculos geográficos e à escassa oferta de serviços especializados, que incentivam o uso indiscriminado de antimicrobianos como uma solução imediata de cuidado.

Verificou-se que o reaproveitamento de prescrições antigas, a compra de antibióticos sem receita e a prescrição profilática sem respaldo científico são fatores determinantes para o aumento da resistência bacteriana, o que diminui a eficácia do tratamento em infecções odontogênicas e eleva os riscos clínicos. A pandemia de COVID-19 piorou essa situação ao aumentar o uso de antimicrobianos, expondo fraquezas nas políticas de controle e supervisão.

Portanto, é evidente que o combate à resistência bacteriana na odontologia requer ações intersetoriais que integrem políticas públicas rigorosas de controle, programas de educação continuada para profissionais e estratégias educativas direcionadas à população. Ademais, é aconselhável o



fortalecimento de programas de antibiotic stewardship, que podem incentivar práticas fundamentadas em evidências, diminuir prescrições desnecessárias e atenuar os efeitos da resistência bacteriana, particularmente em áreas vulneráveis como a Amazônia.



REFERÊNCIAS

COSTA, J. A. et al. **Changes in the Profile of Antibiotic Prescriptions by Dentists in Brazil during the Pandemic.** *Frontiers in Pharmacology*, v. 13, 2022, e9172209. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9172209/pdf>. Acesso em: 4 set. 2025.

JIMÉNEZ-GARCÍA, G. et al. **Magnitude and determinants of inappropriate prescribing of antibiotics in dentistry: a nation-wide study.** *Antimicrobial Resistance & Infection Control*, v. 12, n. 1, 2023. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10026418/pdf>. Acesso em: 4 set. 2025.

MARTINS, R. C. et al. **Prevalence of Self-medication Practices for Oral Health Problems among Dental Patients.** *Journal of Pharmacy & Bioallied Sciences*, v. 12, n. 5, p. 453-457, 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7580453/pdf>. Acesso em: 4 set. 2025.

MILLER, C. A. et al. **A Systematic Review of Dental Antibiotic Stewardship Interventions.** *Journal of Antimicrobial Chemotherapy*, v. 79, n. 2, p. 356-369, 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12064870/pdf>. Acesso em: 4 set. 2025.

PEREIRA, L. M. et al. **Práticas de automedicação em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, supl. 2, e20190428, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/JXcCV8BLCVRx4p8sfyknZgH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 set. 2025.



SANTOS, F. R. et al. **Antibiotic Consumption Patterns in Urban Coari, Amazonas: High Azithromycin Use and COVID-19-Related Prescriptions.** *Antibiotics*, v. 4, n. 1, p. 3, 2025. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2813-0618/4/1/3/pdf?version=1735982426>. Acesso em: 4 set. 2025.

SILVA, A. C. et al. **Antibiotics prescribing habits of Brazilian general dental practitioners during periodontal treatment.** *Revista Odonto UNESP*, v. 52, n. 1, e20220131, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rounesp/a/GBxMJrRLYnChdwRXfH75gK/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 4 set. 2025.

SILVA, J. R. et al. **Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas.** *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 35, eAPE01052, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/4msxJqzGG7skL8FhxKX3ZBM/?format=pdf>. Acesso em: 4 set. 2025.

SILVA, P. R. et al. **Prevalence and causes of self-medication for oral health problems.** *BMC Oral Health*, v. 24, n. 1, 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11414189/pdf>. Acesso em: 4 set. 2025.

THOMPSON, K. et al. **Mapping Worldwide Antibiotic Use in Dental Practices.** *PLOS ONE*, v. 19, n. 7, e0286501, 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11428433/pdf>. Acesso em: 4 set. 2025.